

CONSIDERAÇÕES SOBRE AVALIAÇÃO DO GOVERNO BOLSONARO SEGUNDO DATAFOLHA

*Por Rui Tavares Maluf**

Analiso neste espaço o levantamento de opinião pública realizado pelo instituto Datafolha nos dias 23 e 24 de junho de 2020 sobre avaliação do governo federal, e do presidente Jair Bolsonaro. O levantamento integra pesquisas longitudinais deste renomado instituto, permitindo medir a evolução ao longo do tempo das mesmas questões e categorias extraídas das amostras da população, e, assim, propiciando conhecimento sólido sobre a dinâmica da opinião pública em uma ou mais circunstâncias e conjunturas. No mesmo dia em que o resultado foi divulgado para o público, os meios de comunicação deram largo espaço para comentá-los, mas, como é usual, pouco ou nada de atenção conferiram à metodologia. No entendimento deste autor, faz pouco sentido tecer qualquer comentário quando não se dá a conhecer devidamente tais aspectos. Seja o Datafolha, como qualquer outro órgão de pesquisa que atua no mercado, informa de maneira superficial os métodos empregados, o que não significa, necessariamente, intenção de ocultar qualquer procedimento, mas sim de assumir o pressuposto que a imprensa e o público em geral se interessam mesmo é pelos resultados.

Vale destacar que no passado as pesquisas de opinião pública quase invariavelmente faziam as entrevistas pessoalmente nas casas dos entrevistados a partir de amostras probabilísticas. Com o passar do tempo, devido a dificuldades de conseguir contatos pessoais nas residências, passou-se para os espaços públicos de grande fluxo. E a partir de então as amostras também passaram a ser por cotas a fim de garantir a representação de estratos da população considerados essenciais. Pouco depois migraram para o telefone fixo, sem deixar de se valer dos espaços públicos quando fosse mais conveniente. E ainda mais recentemente passou-se para a entrevista por telefone celular graças à ampla popularização destes aparelhos tornando-os mais abrangentes do que os telefones fixos pessoais. Todos os recursos mencionados apresentam vantagens e desvantagens, que precisam ser bem ponderadas para conseguir maximizar seus aspectos positivos e minimizar os negativos.

Metodologia da pesquisa

Começo, portanto, pela metodologia do Datafolha, que assume interesse especial por se dar em meio à pandemia e a recomendação das autoridades por isolamento social. Mais importante ainda por comparar resultados com o levantamento de abril de 2019, quando as condições de vida eram normais e a metodologia diferente. O Datafolha realizou a pesquisa com seus entrevistadores situados em suas próprias casas, mas contando com a central telefônica remota para auxiliá-los nas chamadas realizadas para os aparelhos celulares, os quais são atualmente utilizados por “*cerca de 90% da população*” como afirma o instituto no tópico destinado ao tema. Fácil imaginar que a inexistência de contato face a face tende a tornar a relação estabelecida mais precária e exige a aplicação de um questionário mais rápido, com menos questões. Ademais, como o próprio Datafolha reconhece, sem o face a face não há a possibilidade de utilizar estímulos visuais como cartões que servem para reduzir o risco de indução da resposta por parte do pesquisador. Aliás, o tamanho de um questionário e o tempo consumido na sua aplicação, bem como os insucessos a que os entrevistadores estão sujeitos, é sempre questão importante a ser levada em conta para efeito de reflexão sobre a qualidade dos dados. Isto se torna ainda mais relevante no momento atual. Quanto ao tamanho da amostra, o número de entrevistados deste levantamento é praticamente o mesmo de sempre. Em relação aos critérios investigados foram formulados oito (8) de cunho pessoal a respeito do presidente, tais

como *inteligência, sinceridade, capacidade de decisão, percepção sobre ser autoritário ou democrático, preparado para o cargo, se respeita mais pobres ou ricos, competente*, e sobre *honestidade*. Para cada questão, havia três (3) alternativas para o entrevistado escolher: uma com tendência mais positiva para o presidente, outra negativa para ele, e a terceira, *não sabe*. Além destas, o instituto formulou questão estritamente voltada para *avaliação do governo* e outra sobre *confiança na pessoa do presidente Bolsonaro*. Estas duas (2) últimas foram as de maior interesse para a imprensa, conquanto os dados estejam integrados de forma a poder relacioná-los. Contudo, exatamente as de avaliação de governo e de confiança não aparecem resumidas em tabela própria, mas desagregadas pelas três (3) alternativas de oito (8) questões gerando 144 marcações, fato este que dificulta um pouco melhor exploração para análise. Ademais, nestes itens, as possibilidades iniciais do entrevistado eram de avalia-lo como *muito bom* e *bom* (agrupados), em *regular*, ou em *ruim* e *péssimo* (também agrupados). Na questão voltada à *confiança* no presidente, identificado no relatório apenas como Bolsonaro, as alternativas também eram três (3): *sempre confia*, *às vezes confia*, *nunca confia*. Foram ouvidos 2016 brasileiros adultos “*que possuem telefone celular em todas as regiões e estados do país*”. A distribuição da amostra seguiu cotas de sexo e idade dentro de cada macrorregião do Brasil e a partir dos resultados disponíveis o Datafolha fez a ponderação de acordo com a escolaridade de cada entrevistado¹.

Apesar dos esclarecimentos feitos pelo instituto logo na abertura de seu relatório, sobram muitas dúvidas, pois é muito relevante conhecer tanto a receptividade do indivíduo abordado para preencher oralmente as alternativas das questões quanto sua compreensão sobre as mesmas, bem como a ordem em que são apresentadas. Sempre que se realiza pesquisa desta natureza, como também de assemelhadas, o entrevistado informa ao pesquisador antes do início seus dados básicos que passam por sexo, idade e cor (que são as principais cotas), como também a condição na qual se encontra na atividade econômica, como a renda mensal. Confirma-se, também, o local de moradia como natureza do município e a região do País. Por rápido que seja esta etapa, já consome algum tempo e o respondente pode não ter o mesmo grau de atenção. Observe que nestes dois últimos exemplos, a entrevista por celular se depara com desafio interessante: o código do celular pode indicar que o mesmo more em São Paulo, capital, mas ele(a) estar residindo fora sem ter trocado a linha. Esta probabilidade se torna maior em meio a atual pandemia, onde parentes podem ter se deslocado para residência de pais, filhos, irmãos para ajuda-los ou por dificuldades econômicas. Neste sentido, a diferença de controle entre telefone fixo e celular, que é móvel, é notória. Tanto nesta módica questão quanto em outras, é mais difícil para o entrevistador perceber a lisura do respondente.

Finalmente, o levantamento do Datafolha está dentro do chamado projeto *Opinião sobre o coronavírus 6* (PO4014), o que indica que o objeto divulgado deste empreendimento integra um trabalho mais amplo do instituto relacionado à crise sanitária que o mundo e o Brasil estão vivendo.

¹ - No levantamento de 2 e 3 de abril de 2019, o instituto Datafolha fez abordagem pessoal e não por telefone celular e realizou 2086 entrevistas em 130 municípios. No próprio tópico destinado à metodologia, o relatório da época enfatiza que o questionário estruturado tinha duração média de 25 minutos e a checagem feita sobre as entrevistas abrangeu “*no mínimo 20% do material de cada entrevistador*”. Outra particularidade do levantamento de abril de 2019 é que foi realizado com pessoas a partir de 16 anos. Finalmente, a margem de erro máxima para os dois levantamentos do instituto Datafolha é de 2 pontos percentuais para mais ou para menos dentro do nível de confiança de 95%.

Afirmção e não pergunta ao entrevistado

A rigor, o levantamento não formula perguntas, isto é, o entrevistador não endereça interrogações claras ao entrevistado, mas sim faz afirmações com alternativas fechadas para o respondente escolher. A diferença é sutil, certamente, mas é importante, pois coloca o indivíduo que se dispõe a opinar em uma situação de maior constrangimento sem margem para qualquer consideração. É compreensível que pesquisas quantitativas apresentem esta tendência, especialmente se tratam de temas do momento. De qualquer forma, é necessário e possível melhorar a qualidade das mesmas de sorte a tornar os resultados mais aproveitáveis.

Respostas às oito questões

Nas respostas dadas as oito (8) características que se desejava conhecer a respeito do presidente Bolsonaro, a opinião pública se mostra claramente crítica à figura dele como se pode constatar examinando a tabela a seguir, levando-se em conta as ressalvas que fiz nos parágrafos anteriores. Para 58% ele respeita os mais ricos; para 53% é indeciso; para 54% pouco inteligente; 48% o consideram sincero contra igual percentagem que o tem como falso; 64% o definem como autoritário (assume-se aqui que o cidadão entende tal rótulo como negativo); 58% como despreparado; 52% como incompetente. Somente no item honestidade ele se sai melhor, com 48%; mesmo assim com 12% de não sabe e 40% o tendo por desonesto. E neste último item (8º) há clara contradição com quarto (4º) que trata da sinceridade. Pois se 48% o tem como falso, tal enquadramento é claramente uma definição de desonestidade (*veja tabela a seguir*).

Tabela 01		
<i>Na sua opinião, o presidente Jair Bolsonaro:</i>		
(resposta estimulada e única, em %)		
ITEM	QUESTÃO	RESPOSTAS EM %
01	Respeita os mais ricos	58
	Respeita os mais pobres	18
	Não sabe	24
02	É decidido	46
	Indeciso	53
	Não sabe	02
03	É muito inteligente	40
	Pouco inteligente	54
	Não sabe	06
04	É sincero	48
	É falso	48
	Não sabe	06
05	É democrático	30
	Autoritário	64
	Não sabe	06
06	É preparado	38
	Despreparado	58
	Não sabe	03
07	É competente	44
	Incompetente	52
	Não sabe	05
08	É honesto	48
	Desonesto	40
	Não sabe	12
Observações: 1) a organização da tabela, que inclui números para o conjunto de questões é da responsabilidade deste autor; 2) todas as tabelas presentes neste artigo são produzidas por este autor, a partir do relatório do instituto Datafolha		

Contradição que também pode estar presente nos itens 6 e 7, pois preparo e competência são termos quase equivalentes. Isto pode ter sido proposital por parte do instituto de forma a verificar a compreensão do entrevistado. Mesmo que as respostas às duas (2) questões sejam nitidamente desfavoráveis ao presidente; é nítida a diferença. Observe que 58% o consideram *despreparado* contra 52% que o consideram *incompetente*; diferença de seis (6) pontos percentuais.

Resultados: o peso do Não Sabe

Não sabe ou *não tem opinião* é sempre alternativa necessária em toda e qualquer pesquisa, pois o entrevistado não tem obrigação de ter uma posição a respeito de determinado assunto. É o mínimo de alternativa que se pode conceder ao entrevistado em questões fechadas, isto é, nas quais o respondente apenas reage ao estímulo do entrevistador; não cabendo formular qualquer raciocínio. Como consequência deste modelo, o entrevistado também pode responder *não sabe* simplesmente para se livrar da questão sem maior reflexão. Contudo, a tendência em qualquer pesquisa é que estas alternativas sejam minoritárias; situando-se no máximo em torno de 10%, e, quase nunca, superior a uma (1) das duas (2) alternativas quando só existe efetivamente este número de escolhas. Também não é muito diferente quando são cinco (5) alternativas, nesta incluída a de *não sabe*. No entanto, no primeiro item do Datafolha querendo saber do entrevistado se o presidente Bolsonaro respeita mais *os mais ricos* ou *os mais pobres*, nada menos que 24% dos entrevistados escolheram: *não sabe*, levando tal alternativa a ser superior a escolhida a que afirma ele respeitar os *mais pobres* (18%). Para se ter ideia do peso deste percentual, nas outras sete (7) questões, esta escolha oscilou entre 2% e 6%, que é o padrão observado em geral. Desse modo, é interessante mergulhar nesta opção do entrevistado quando o mesmo é dividido em cotas e estratos, os quais possibilitam nada menos que 36 subdivisões.

Tenha-se presente que nestas duas (2) avaliações (*do governo* e *da confiança*), as alternativas feitas pelos respondentes estão, portanto, divididas por todas as oito (8) questões, e, cada uma destas oito (8) permite abertura em sete (7) cotas e estratos (*sexo, idade, escolaridade, renda familiar mensal, região, natureza do município, e cor*). Por sua vez, as sete (7) se subdividem em um total de 36. Ou seja, em cada possível alternativa marcada das oito (8) perguntas, há um total de 108 marcações. Como são oito (8) questões com três (3) alternativas em 36 subdivisões, totalizam-se 864 células contendo percentuais de respostas, sendo que a alternativa *não sabe* está presente em 288 células deste total, representando 33,3%.

Este número de células seria ainda maior computando-se como subdivisões a *avaliação do governo Bolsonaro* e a *confiança em Bolsonaro*. Mas ambos merecem ser tratados à parte (o que farei mais à frente), pois em si mesmo tais itens não se configuram como cotas e estratos socioeconômicos, os respondentes destes temas estejam divididos assim.

Acompanhe, então, a distribuição resumida em frequência do impacto da escolha *não sabe* nas 288 células, mas, destaco primeiramente que apenas em um item (se o presidente respeita *mais os ricos* ou *pobres*, isto é, com 36 células de marcações), nenhuma dos percentuais marcações foi inferior a 14. Em 32 esteve de 20% para cima e em sete (7) de 30% para cima, sendo que entre os empresários foi de 42%. Passo, a seguir, a mirar no total das 288 escolhas de *não sabe* para observar a distribuição da frequência desta opção nas faixas de percentuais. Majoritariamente os percentuais de *não sabe* se encontram na segunda faixa mais baixa, isto é, de 1% a 5% reunindo 137 (47,57%) escolhas das 288.

Tabela 02
Distribuição de frequência dos percentuais obtidos a partir da escolha Não sabe a cada uma das oito (8) questões

FAIXAS DE PERCENTUAIS	TOTAL DE SUBDIVISÕES (Frequência máxima = 36)	FREQUÊNCIA
De 31% para mais	06	006
De 26% a 30%	08	008
De 21% a 25%	16	016
De 16% a 20%	08	008
De 11% a 15%	22	024
De 6% a 10%	34	080
De 1% a 5%	36	137
Menos de 1%	06	009

No extremo oposto, isto é, na faixa a partir de 31% para cima, as seis (6) células de *não sabe* são as seguintes e todas situadas no item por mim já mencionado (*mais ricos ou pobres*): *Empresário* (42%), *Aposentado* (34%), *60 anos ou mais* (33%), *Indígena* (33%), *Região Sul* (31%), e *Assalariado sem registro* (31%). Nas pesquisas de opinião pública em geral, percentuais nesta faixa tendem a ser encontrados na alternativa “*derrotada*” de questões com três (3) alternativas das quais uma (1) é *não sabe*, ou a segunda (2ª) mais bem posicionada em questões com cinco (5) escolhas.

Favoráveis e Desfavoráveis ao presidente

Ao examinar como as alternativas marcadas pelos respondentes são agrupadas segundo faixas percentuais é nítido como as que são favoráveis acabam em sua larga maioria “*derrotadas*”, ou, em outras palavras, são minoritárias dentro de 288 subdivisões possíveis para cada lado. A maior incidência de percentuais favoráveis ao presidente recai na faixa de 25% a 49%. Se somadas à faixa inferior (até 24%) somam 86,46%. Ou seja, as respostas favoráveis “*vitoriosas*” do presidente nestas subdivisões alcançam um total de apenas 13,59% somando-se as faixas de 50% a 59% com a de 60% a 69%. Já o lado tido como desfavorável tem a maior incidência na faixa de 50% a 59%, com 130 frequências, as quais representam nada menos que 45,14% do total. Se somada esta faixa às superiores, as negativas chegam a espantosos 69,1%, pois a avaliação negativa do presidente, como já mencionado no início deste texto, conta com percentuais até mesmo superiores a 70%. Portanto, é bem nítida a fragilidade das opções favoráveis ao presidente como inequívoca a intensidade das opções negativas (desfavoráveis) ao presidente.

TABELA 03
Respostas Favoráveis e Desfavoráveis ao presidente Bolsonaro, segundo a distribuição em cinco (5) faixas percentuais (excluídos Não sabe)
(Total de 288 para cada lado)

FAIXA PERCENTUAL	FAVORÁVEIS	EM %	DESFAVORÁVEIS	EM %
Até 24%	039	13,54	001	00,35
De 25 a 49%	210	72,92	088	30,56
De 50 a 59%	035	12,15	130	45,14
De 60 a 70%	004	01,39	061	21,18
A partir de 70%	-		008	02,78
TOTAIS	288	100	288	100

Observação: tabela organizada pelo autor

Avaliação do governo e confiança em Bolsonaro

Eu havia mencionado anteriormente que tanto a avaliação do governo quanto o quesito confiança em Bolsonaro, tido como as partes do levantamento do Datafolha mais relevantes e de repercussão na imprensa, foram disponibilizadas no relatório do instituto de forma já subdivida nas três (3) de cada uma das oito (8) questões, como se a estes se equivalessem. Não é difícil entender o procedimento adotado pelo instituto para oferecer informações mais aprofundadas a quem deseje conhecer circunstanciadamente a manifestação da opinião pública. No entanto, é fundamental apresentar primeiramente os próprios resultados sem quaisquer subdivisões, o que não foi feito (provavelmente pela pressa na finalização).

Explico melhor ao leitor. O relatório do Datafolha informa o perfil de respostas de quem já avalia o governo como ótimo/bom, regular, ruim/péssimo, ingressando diretamente nas subdivisões. Na página 3 do relatório, o texto está assim: “*No segmento que nem o aprova e nem o reprovava, avaliando seu governo como regular, as opiniões sobre sua (sic) se dividem entre posicionamentos críticos e favoráveis. Nesse grupo, por exemplo, 55% o veem como indeciso, e 43% como decidido. Para 54%, ele é pouco inteligente, e 37% o veem como muito inteligente. A maioria, porém, o enxerga como honesto (55%) e sincero (57%), em detrimento dos que o consideram desonesto (25%) e falso (30%)*”. Em última análise, o instituto parece ter como objetivo prioritário medir a coerência e alinhamento das opiniões relativas a governo e confiança com as oito (8) qualidades ou defeitos observados. Compreensível, mas deveria ter oferecido ao leitor a simples avaliação até mesmo com o intuito de alargar sua compreensão nas medições divulgadas nos detalhes das divisões e subdivisões.

Avaliação do Governo segundo as oito (8) questões

Para relembrar, o instituto reuniu a avaliação do governo em três (3) possibilidades, a saber: 1) ótimo/bom; 2) regular; e, 3) ruim/péssimo. Como são oito (8) questões com três (3) alternativas cada, geram-se 72 marcações (células), ou percentuais. Das três (3) possíveis avaliações, a ruim/péssimo é a que apresenta os extremos escolhidos pelos entrevistados. Há 16 marcações em até 24% e oito (8) em de 70% para mais, superando estas mesmas faixas nos que avaliaram como ótimo/ bom.

TABELA 04			
<i>Avaliação do governo do presidente Bolsonaro segundo três (3) alternativas possíveis e a frequência nos percentuais alcançados em cada escolha marcada pelos entrevistados</i>			
FAIXAS DE PERCENTUAIS	ÓTIMO / BOM	REGULAR	RUIM / PÉSSIMO
Até 24%	14	08	16
De 25% a 49%	03	07	-
De 50% a 59%	-	07	-
De 60% a 69%	01	02	-
70% ou mais	06	-	08
TOTAIS	24	24	24
Observação: tabela organizada por este autor			

Confiança em Bolsonaro segundo as oito (8) questões

Em relação ao item confiança no presidente Bolsonaro, o Datafolha também reuniu em três (3) alternativas como se vê na tabela seguinte (*sempre confia; às vezes confia; nunca confia*). Repetindo a de avaliação do governo, a escolha por *nunca confia* (negativa) reproduz as extremidades exatamente igual à coluna de *ruim/ péssimo* da avaliação do governo. Isto é, as faixas percentuais das frequências são as das extremidades, ficando vazias as intermediárias. A situação se altera um pouco para a coluna de *sempre confia* (positiva) quando comparada a de *ótimo / bom* (também positiva), pois agora duas (2) faixas ficam vazias.

FAIXAS DE PERCENTUAIS	SEMPRE CONFIA	ÀS VEZES CONFIA	NUNCA CONFIA
Até 24%	15	09	16
De 25% a 49%	02	09	-
De 50% a 59%	-	02	-
De 60% a 69%	-	04	-
70% ou mais	07	-	08
TOTAIS	24	24	24

Observação: tabela organizada por este autor

Cruzando as extremidades da avaliação de governo

Importante cotejar as extremidades do patamar superior dentre os que avaliam o governo como *ótimo/bom* e *ruim/péssimo*.

ALTERNATIVAS	EM %	ÓTIMO / BOM	RUIM / PÉSSIMO	EM %	ALTERNATIVAS
É honesto	93	01	01	93	É despreparado
É sincero	92	01	01	92	Incompetente
É competente		01	01	89	Autoritário
É decidido	86	01			
É preparado	85	01			
			01	84	Respeita os mais ricos
			01		É falso
			01	80	Indeciso
É muito inteligente	78	01	01		Pouco inteligente
			01	75	Desonesto
TOTAIS		06	08		

As variações em relação ao levantamento anterior

Como eu mencionei no início deste artigo, em abril de 2019 o instituto já havia realizado levantamento para medir as qualidades ou defeitos do presidente, mas somente seis (6) questões naquela oportunidade restaram na que foi realizada em junho do corrente ano, que acrescentou as indagações relativas à *competência* e *honestidade*². Nos itens que podem ser comparados fica bem evidente as variações na avaliação feita pela opinião pública e como foram grandes, sendo a maior destas a queda no item 3 em que a opção *é muito inteligente* perdeu 18 pontos percentuais. Mas o leitor deve considerar que o levantamento de abril se deu em condições de vida normais e agora sob o impacto da Covid-19.

² - Por outro lado, no levantamento de abril de 2019, duas subdivisões a mais foram consideradas nas que se inscrevem no eixo socioeconômico (religião do entrevistado, que foi decomposta em oito – 8 – além de uma coluna para não religiosos e porte do município, desagregado em quatro – 4 - classes). Além desta categoria, perguntou-se sobre os partidos políticos de preferência.

TABELA 07				
<i>Comparação de seis (6) questões da avaliação de 23 e 24 de Junho passado com a realizada nos dias 02 e 03 de abril de 2019</i>				
(As questões 07 e 08 não foram feitas no levantamento anterior)				
ITEM	QUESTÃO	02 e 03 de Abril de 2019	23 e 24 de Junho de 2020	Varição em pontos percentuais
01	Respeita os mais ricos	57	58	+01
	Respeita os mais pobres	24	18	-06
	Não sabe*	19	24	+05
02	É decidido	56	46	-10
	Indeciso	42	53	+11
	Não sabe	02	02	-
03	É muito inteligente	58	40	-18
	Pouco inteligente	39	54	+15
	Não sabe	03	06	+03
04	É sincero	59	48	-11
	É falso	35	48	+13
	Não sabe	06	06	-
05	É democrático	37	30	-07
	Autoritário	57	64	+07
	Não sabe	06	06	-
06	É preparado	52	38	-14
	Despreparado	44	58	+14
	Não sabe	03	03	-
07	É competente		44	
	Incompetente		52	
	Não sabe		05	
08	É honesto		48	
	Desonesto		40	
	Não sabe		12	
<p>*Na tabela que o instituto Datafolha apresenta para a questão relativa a respeitar mais ricos ou pobres, aparece uma linha "Ambos", que parece ser uma falha, pois a soma dos percentuais no levantamento de 23 e 24 de junho aparece como os mesmos 24% de não sabe e somando a estes seria muito superior a 100%, e no de abril de 2019 é zero.</p> <p>Observação: tabela organizada por este autor.</p>				

Últimas palavras

A metodologia do levantamento de julho deixa o analista inseguro para considerações mais arrojadas, embora as condições objetivas para ouvir a opinião pública fossem adversas. Não há no relatório da pesquisa informação de ter havido perguntas espontâneas nas quais o entrevistador encaminha a questão deixando a resposta aberta para o entrevistado e, somente, anotando o retorno dado sem interferência. Uma recomendação para que toda pesquisa quantitativa contemple questões não estimuladas é para conferir adequadamente o grau de conhecimento ou de entendimento do entrevistado, o que tem impacto para o que se pode efetivamente entender das questões estimuladas. É muito provável que tenha ficado de fora devido ao contato feito por telefone celular ser mais rápido.

Quanto aos resultados, fica patente que há uma situação ruim para o presidente Bolsonaro, e ainda pior tendo como comparação o levantamento de abril de 2019, o qual marcava o terceiro mês de seu governo. Contudo, as questões encaminhadas não permitem extrair ideias mais claras se os atributos negativos do presidente Bolsonaro junto à opinião pública impedirão o mesmo de reverter por completo preferências em relação ao seu governo frente a segmentos da população que tendem historicamente a ficar mais distante dos governantes, ou, apresentar-se de forma mais pendular. Se o instituto Datafolha continuar fazendo levantamentos valendo-se de telefones celulares, será importante adotar procedimentos mais claros e, também, explica-los melhor no relatório público.

***RUI TAVARES MALUF**– Professor da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP). Ex-coordenador da Pós-Graduação em Opinião Pública e Inteligência de Mercado (OPIM) da mesma instituição (2010-2019). Doutor em Ciência Política (USP), mestre em Ciência Política (UNICAMP). Autor dos livros *Amadores, Passageiros e Profissionais* (2010), e *Prefeitos na Mira* (2001), ambos pela editora Biruta.

PALAVRAS-CHAVES (TAGs): - *Avaliação do governo do presidente Jair Bolsonaro; cientista político Rui Tavares Maluf; Imagem do presidente Bolsonaro; Instituto Datafolha; Levantamento de abril de 2019; Levantamento de junho de 2020; Pesquisa de Opinião Pública; Rui Tavares Maluf*

FONTES DE PESQUISA

FOLHA DE SÃO PAULO. DATAFOLHA Instituto de Pesquisas. *Avaliação do presidente Jair Bolsonaro*. Relatório do levantamento de 2 e 3 de abril de 2019. Disponível em: www.datafolha.folha.uol.com.br ;

DATAFOLHA Instituto de Pesquisas. *Imagem do presidente Jair Bolsonaro*. Relatório do levantamento de 23 e 24 de junho de 2020. www.datafolha.folha.uol.com.br ;
